

## DEBATENDO O RACISMO NA UNIVERSIDADE: AÇÃO PRÁTICA DA TERAPIA OCUPACIONAL E PSICOLOGIA

Debating racism at university: practical action of occupational therapy and psychology

Debate sobre el racismo en la universidad: acción práctica de la terapia ocupacional y la psicología

Magno Nunes Farias 

<https://orcid.org/0000-0002-9249-1497>

Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia. Brasília, DF, Brasil.

Heitor Abadio Vicente 

<https://orcid.org/0000-0002-6178-5716>

Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. Brasília, DF, Brasil.

Farias, M.N. & Vicente, H. A.V. (2022). Debatendo o racismo na universidade: ação prática da terapia ocupacional e psicologia. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 6(1), 815-821. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto39265

### Resumo

**Contextualização:** Buscamos aqui descrever e analisar uma ação prática da Terapia Ocupacional e da Psicologia, que teve como foco desenvolver uma atividade em grupo com jovens universitários para suscitar o debate das relações raciais na universidade. **Processo de intervenção/Acompanhamento:** Foi realizada uma atividade em grupo sob o título *Corpos negros na universidade: diálogos sobre o enfrentamento do racismo institucional*. **Análise crítica da prática:** Afirmamos que a atividade realizada tornou possível a construção de um momento de diálogo e reflexão, fomentando, junto aos jovens negros e não-negros, questões latentes em nossa dinâmica social e racial, buscando o fortalecimento de práticas antirracistas, através de movimentos de empoderamento e tomada de consciência. **Síntese das considerações:** A Terapia Ocupacional e a Psicologia em atuação interdisciplinar podem tornar possível o fomento de espaços na universidade para o debate crítico de temáticas sociais.

**Palavras-chave:** Racismo. Ensino Superior. Grupo com Ancestrais do Continente Africano.

### Abstract

**Contextualization:** We seek here to describe and analyze a practical action of Occupational Therapy and Psychology that focused on developing a group activity with young university students for the debate on race relations at the university. **Intervention / Follow-up process:** A group activity was carried out under the title *Black bodies at university: dialogues about the fight against institutional racism*. **Critical analysis of the practice:** We affirm that the activity carried out made it possible to build a moment of dialogue and reflection, fostering with black and non-black young people latent issues in our social and racial dynamics, seeking the strengthening of anti-racist practices, through empowerment and awareness movements. **Summary of considerations:** Occupational Therapy and Psychology in interdisciplinary action can make possible the promotion of spaces at the university for critical debate about social thematic.

**Keywords:** Racism. Higher Education. African Continental Ancestry Group.

### Resumen

**Contextualización:** Buscamos aquí describir y analizar una acción práctica de Terapia Ocupacional y Psicología que se centró en el desarrollo de una actividad grupal con jóvenes universitarios para el debate sobre las relaciones raciales en la universidad. **Intervención/Proceso de seguimiento:** Se realizó una actividad grupal titulada *Cuerpos negros en la universidad: diálogos sobre el enfrentamiento al racismo institucional*. **Análisis crítico de la práctica:** Afirmamos que la actividad hizo posible la construcción de un momento de diálogo y reflexión, fomentando con jóvenes negros y no negros temas latentes en nuestras dinámicas sociales y raciales, buscando el fortalecimiento de las prácticas antirracistas, a través del empoderamiento y los movimientos de toma de conciencia. **Resumen de consideraciones:** La Terapia Ocupacional y la Psicología en la acción interdisciplinar pueden permitir propiciar espacios en la universidad para el debate crítico sobre temas sociales.

**Palabras clave:** Racismo. Educación Superior. Grupo de Ascendencia Continental Africana.

## **1.Contextualização da prática**

Nesse texto, realizaremos um relato de experiência sobre a intervenção interdisciplinar da Terapia Ocupacional e da Psicologia junto a jovens no ambiente universitário. Buscamos, assim, descrever e analisar uma ação prática que teve como foco desenvolver uma atividade em grupo para o debate sobre as relações raciais na universidade, especificamente acerca das situações de racismo institucional e das formas de enfrentamento dessas questões.

A experiência ocorreu na Universidade Federal de Goiás (UFG) - Regional Catalão, no primeiro semestre de 2017. Os organizadores da Calourada Cultural - 2017 (realizada pela Coordenação de Extensão e Cultura da UFG) da referida universidade, evento que tinha como tema Juventude e Resistência, realizaram o convite a nós, terapeuta ocupacional e psicólogo, para a construção dessa ação. Naquele momento, nós também éramos estudantes da pós-graduação da universidade (do Programa de Pós-Graduação em Educação) e, também, transitávamos nos grupos de debates sobre raça (coletivos, rodas de conversa, entre outros) que existiam na instituição.

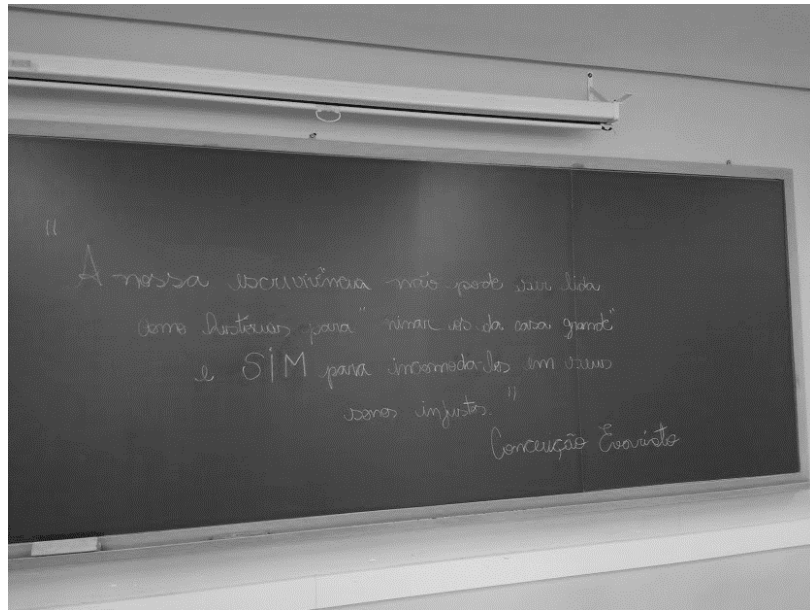
O convite chegou com a demanda da construção de uma atividade de grupo voltada para o debate sobre racismo e universidade com os jovens estudantes da instituição (calouros e veteranos), durante a semana da Calourada.

Deste modo, a atividade em grupo foi construída por nós, sendo oferecida na Calourada sob o título *Corpos negros na universidade: diálogos sobre o enfrentamento do racismo institucional*. A ação ocorreu e contou com a presença de 20 (vinte) jovens universitários, negros e não-negros, interessados pelo tema.

## **2. Processo de intervenção/acompanhamento**

### **2.1 Contato Inicial**

No processo de preparação do ambiente, organizamos a sala onde ocorreria a atividade em grupo, a fim de que ela pudesse acolher os sujeitos que adentravam e familiarizá-los com as temáticas que seriam discutidas, sendo que a recepção foi feita com a música *Canto para Oxalá* (Rita Ribeiro) e que escrevemos no quadro a seguinte frase: "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (Evaristo, 2007, p. 21), de Conceição Evaristo (figura 1).



**Figura 1.** Quadro com a frase: "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos", de Conceição Evaristo.

Fonte: Acervo pessoal.

Pretendemos, ao mesmo tempo, ambientar um espaço de acolhimento e de impacto, que produzisse uma reflexão inicial individual relacionada às questões históricas, culturais e sociais que marcam as relações raciais.

Desta forma, abrimos a intervenção, com uma breve apresentação nossa e da proposta, e, logo, os convidamos a irem até o jardim para a realização da dinâmica.

## 2.2 Dinâmica "Caminhada dos Privilégios"

Utilizamos a técnica de dinâmica "caminhada dos privilégios" (figura 2) com o intuito de trazermos reflexões ao grupo sobre aspectos que privilegiam sujeitos no que tange às desigualdades raciais. A técnica funcionou da seguinte forma: colocamos os participantes lado a lado e fizemos várias perguntas (abrangendo privilégios ou não privilégios). Então, os que tivessem esses privilégios, dariam um passo à frente; enquanto os sujeitos que não tivessem ficariam parados. Algumas questões foram: *você já foi preterido em uma relação afetiva? Você já sofreu alguma discriminação pela textura do seu cabelo? Você foi seguido por seguranças em lojas? Você estudou em escola particular?*



**Figura 2.** Dinâmica Caminhada dos Privilégios.  
Fonte: Acervo pessoal.

Durante a dinâmica, os sujeitos ficaram imersos em olhares de espanto e alguns de constrangimento, tendo em vista que uma grande proporção de jovens negros ficou para trás, marcados, assim, como os menos privilegiados no que se refere às questões afetivas, socioeconômicas e culturais. Finalizamos a dinâmica e retornamos para a sala, onde iniciamos a roda de conversa.

### 2.3 Roda de Conversa - construindo reflexões

Iniciamos uma reflexão abrindo espaço para que os sujeitos colocassem suas percepções acerca do andamento da dinâmica da caminhada.

Assim, alguns participantes logo pontuaram as disparidades raciais e como isso perpassa a existência de todos os sujeitos, sobretudo os negros, tanto nos aspectos socioeconômicos e políticos quanto nos afetivos.

Como estávamos no contexto da universidade, os participantes pontuaram como o racismo se consolida nessa instituição, comentando acerca da falta de professores negros, reitores negros e alunos negros. Destarte, foram sinalizados os espaços em que os sujeitos negros estão na universidade, nos cargos de auxiliar geral e de limpeza, que são trabalhos terceirizados e precarizados, concebidos como subempregos. Logo, discutimos a necessidade de maior igualdade racial no mundo do trabalho e na própria universidade.

Posteriormente, adentramos na discussão sobre a necessidade e importância das Ações Afirmativas para a população negra. Porém, observamos que “o desafio de eliminação da desigualdade histórica que essas populações carregam, problemas para os quais a mera adoção de cotas para o ensino universitário é insuficiente. Precisa-se delas e de muito mais” (Santos, 2013, p. 231). Diante disso, debatemos com os jovens como são necessários movimentos mais complexos, calcados em políticas públicas intersetoriais, em diálogo real com as necessidades dos indivíduos e grupos.

Além disso, discutimos sobre questões afetivas e estéticas dos corpos, pontuando, assim, os processos midiáticos que deslegitimam os corpos negros como belos, exaltando uma beleza branca, eurocêntrica, visto que “o negro se vê condenado a carregar na própria aparência a marca da inferioridade social” (Santos, 2013, p. 124). Em contraponto, abordamos também os movimentos de empoderamento<sup>1</sup> da estética e dos corpos negros, que marcam a história de resistência e afirmação.

Em seguida, falamos dos privilégios dos sujeitos brancos e o papel destes dentro dessa estrutura racista, apontando a necessidade de eles reconhecerem a branquitude como algo que os diferencia de outros indivíduos e os fazem acumular benefícios raciais, de modo que possam, de certa forma, desestabilizar essas estruturas de privilégios brancos, como nos ensina Santos (2013).

Esse movimento foi marcado por interações que demonstram a necessidade do empoderamento do povo negro, com a finalidade de combater e resistir a esses movimentos sociais racistas, dando lugar e legitimidade à cultura, consciência, auto-estima, alteridade e identidade do povo negro, em um processo de valorização da Negritude, pois, conforme Oliveira (2008):

A valorização da negritude tem sido uma das estratégias escolhidas pelos movimentos sociais negros para a elevação da consciência da comunidade afro-brasileira, para a luta contra o racismo e suas mais diversas manifestações (Oliveira, 2008, p.76).

### **3. Análise crítica da prática**

O Brasil, cuja gênese tem como fundamento o tráfico negreiro, a escravidão e o regime servil, desenvolve um processo de racismo que permanece arraigado no cotidiano de pessoas negras até os dias atuais. O racismo é um fenômeno que estrutura e permeia as relações sociais, porém, apresenta-se na sociedade de forma velada, pois há um cotidiano que nos leva a não identificar as situações racistas as quais os sujeitos sofrem (Gonzalez, 1988; Farias et al., 2018; Amorim et al., 2020).

No País, ainda se acentua a ideia de democracia racial, o “paraíso tropical de convivência democrática das raças” (Fernandes, 1989, p. 6), mesmo ficando visível que a questão racial marca a desigualdade socioeconômica e de direitos, firmando, assim, a existência de um racismo que perpassa essa dinâmica social, como os jovens da intervenção apresentaram ao refletirem sobre as suas experiências interpessoais. Desta forma, vivemos em uma sociedade que é marcada por diversas situações de racismo no seu cotidiano, estas que, muitas vezes, são minimizadas, deixando uma lacuna com efeitos perversos para indivíduos e grupos negros. Em resumo, corroborando com Amorim et al. (2020), afirmamos que “ao fazer referências às vidas negras, entendemos que dentro de uma sociedade racializada, essas

---

<sup>1</sup> O empoderamento pode ser compreendido como maior aquisição de poder pessoal para “superação de conflitos e a ressignificação das relações sociais, possibilitando a revisão de papéis e de sentidos na produção da vida cotidiana” (Kleba & Wendausen, 2009, p. 733). Todavia, cabe afirmar que esse processo de empoderamento deve ser articulado com sua dimensão social e coletiva, sendo insuficiente se estagnado ao pessoal, para se pensar a emancipação social dos indivíduos e grupos.

pessoas vivenciam cotidianos impactados pelos produtos dessa configuração racial – que privilegia os não-negros, moldada pelo racismo” (Amorim et al., 2020, p. 721).

Então, tais afirmações foram evidenciadas nessa atividade realizada na universidade, deixando notório que a população negra convive cotidianamente com práticas de racismo, inclusive com o chamado Racismo Institucional, que cria dificuldades para negros e privilégios para brancos, bem como salienta todo um arcabouço cultural pautado na hierarquia racial, que legitima práticas racistas interpessoais. Essas situações trazem impactos extremos à existência e participação social desses sujeitos, que são nocivos a sua constituição subjetiva, modificando “seu ser [...] de forma definitiva, levando-os a adoecer e, de forma trágica, aumentar as estatísticas da menor expectativa de vida da população negra brasileira” (Santos, 2013, p. 113).

Nesse sentido, observamos que, a partir das discussões colocadas em roda na intervenção, houve a possibilidade dos jovens reconhecerem as situações de violência e de refletirem sobre elas, reelaborando as vivências e as estratégias desenvolvidas a partir delas. O momento de reflexão possibilitou a construção de diversas indagações acerca de como o racismo se reproduz, a partir das próprias vivências dos sujeitos. Houve, em muitos momentos, divergências e dúvidas no grupo, possibilitando reflexões sobre essa questão ser, ainda, pouco tratada dentro da universidade.

Essa prática nos fez pensar como o racismo impacta a subjetividade e o cotidiano dos sujeitos negros no ambiente universitário. Ademais, vislumbramos processos reflexivos que potencializassem movimentos de empoderamento dos jovens negros.

#### **4. Síntese das considerações**

Entendemos que práticas como essas são essenciais para gerar processos de transformação social, perpassando a dimensão individual e coletiva. Por meio delas, os sujeitos, negros e não-negros, podem desenvolver a consciência crítica das realidades e se tornarem agentes de mudança, bem como afirmar os processos e as possibilidades de resistência que os movimentos negros têm historicamente construídos, pautados na luta política, cultural, social e estética.

Por consequência, afirmamos que a Terapia Ocupacional e a Psicologia em atuação interdisciplinar tornaram possível a construção de um momento de diálogo e reflexão, que teve o intuito de trazer para a universidade questões latentes em nossa prática social, buscando o fortalecimento de práticas antirracistas através de movimentos de empoderamento e de tomada de consciência.

#### **Referências**

Amorim, S.G., Martins, S., Leite Junior, J.D., & Farias, M.N. (2020). “Asfixias sociais” da população negra e questões para a terapia ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 4(5), 719-733. <http://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto36144>

Evaristo, C. (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In M. A. Alexandre (Ed.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces* (pp.16-21). Mazza Edições.

Farias, M. N., Leite Junior, J.D., & Costa, I.R.B.B. (2018). Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 2(1), 228-243. <http://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto12712>

Fernandes, F. (1989). *Significado do protesto negro*. Cortez.

Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, 92(93), 69-82. <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>

Kleba, M.E., & Wendausen, A. (2009). Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, 18(4), 733-743. <http://doi.org/10.1590/S0104-12902009000400016>

Oliveira, E. (2008). Glossário. In *Os efeitos psicossociais do racismo* [Edição e entrevistas de Fernanda Pompeu]. Instituto AMMA Psique e Negritude. <http://www.ammapsique.org.br/baixar/Os-efeitos-psicossociais-do-racismo.pdf>

Santos, I.A.A. (2013). *Direitos humanos e as práticas de racismo*. Edições Câmara.

**Contribuição dos autores:** Todos os autores foram responsáveis pela concepção, redação e revisão do texto e aprovaram sua versão final.

**Recebido em:** 29/10/2020

**Aceito em:** 15/01/2021

**Publicado em:** 31/01/2022

**Editor(a):** Daniela Tonús